

**SARAMAGO E PEPETELA
UMA COMPARAÇÃO DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA
NAS NARRATIVAS DE ROMANCES PÓS MODERNOS
E CONTEMPORÂNEOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Roberta Andréa dos Santos Colombo (EMJAL/CODESP)
robertas.colombo@hotmail.com

Em um fenômeno pós moderno, obras literárias classificadas como metaficção historiográfica, possuem autorreflexividade, referências de personagens e de história. Um dos precursores dos estudos acerca da pós-modernidade foi o filósofo francês Jan Baudrillard, conhecido como o teórico do regime dos simulacros. A influência da pós modernidade na literatura foi e é incontestável, e percebemos essa afirmação através de diversos fenômenos, como por exemplo, na metaficção historiográfica.

A metaficção é entendida na prosa, mais especificamente nos romances fictícios, em que a história é “recriada” e seu discurso vivido pelos personagens, traz uma concepção de reflexão e questionamentos. Logo, não há uma verdade absoluta, pois a literatura pós moderna, é uma reinterpretção da própria história, por isso é ficcional, e nos permite um “novo olhar” para um mesmo romance.

De fato, para ser classificada como *metaficção historiográfica*, a obra deve ter as seguintes características: o caráter de autorreflexividade intensa e, paradoxalmente, referências explícitas a personagens e eventos históricos; a imbricação de reflexões literárias, históricas e teóricas; o trabalho que realiza a partir das convenções com o objetivo de subvertê-las; e a defesa de que, apesar de não negar a existência da história, o passado só nos é acessível por meio da textualidade. (HUTCHEON, 1988).

Ao decorrer do trabalho, faremos uma comparação da metaficção historiográfica nas narrativas de romances pós modernos e contemporâneos, de Saramago e Pepetela, respectivamente.

O romance *A Viagem do Elefante*, é um romance pós moderno, escrito em 2008 pelo escritor, argumentista, teatrólogo, ensaísta, jornalista, dramaturgo, contista, romancista e poeta português, Nobel de Literatura de 1998, José de Sousa Saramago, (Golegã, Azinhaga, 16 de novembro de 1922 – Tías, Lanzarote, 18 de junho de 2010). O livro narra a viagem de um elefante que estava em Lisboa, e que tinha vindo da Índia.

O elefante foi chamado por Saramago de Salomão, e sua história retrata o século XVI. É uma história real, mas Saramago não encontrou

muitos documentos que pudessem afirmar realmente a história, por isso precisou reinventá-la, como ele mesmo diz.

Já o romance *O Planalto e a Estepe*, é um romance contemporâneo, pois na África não teve o movimento literário que chamamos modernismo, logo, não é pós moderno. Foi escrito pelo escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, (Benguela, 29 de outubro de 1941), e relata, entre outros questionamentos que veremos, o amor proibido entre um estudante angolano, Júlio Pereira, que é o narrador da história, e uma jovem mongol, nos anos 60, em Moscou. É uma história baseada em fatos verídicos, ficcionados pelo autor.

1. A Viagem do Elefante

A narrativa passa-se no século XVI, em 1550 até 1552 e conta a história da viagem realizada pelo elefante Salomão, de Lisboa até Viena. A ideia de escrever o romance, segundo o próprio autor, foi quando ele entrou em um restaurante que se chamava *O Elefante* em que havia um monumento retratando o elefante e demais esculturas que representavam a Torre de Belém e Viena marcando o itinerário que o animal teria feito. Isso chamou a atenção do grande ganhador Nobel de Literatura Portuguesa, que se informou sobre o que aquilo representava de fato, e logo, sentiu que poderia dar uma boa história.

Concomitante, o escritor não encontrou muitos documentos que pudessem afirmar realmente a história, por isso precisou reinventar, fabricar a história, como ele mesmo diz. Daí, a recriação da própria, contestando assim a metaficção nesse romance pós moderno. Saramago considera-o um conto, pois diz que não há amor na história entre o elefante e uma elefanta, nem conflitos nem crises.

O rei D. João III decidiu dar ao seu primo Maximiliano de Áustria o elefante Salomão, animal de sua propriedade que teria vindo da Índia com seu tratador a dois anos. O personagem central é Salomão, mais tarde nomeado como Solimão, e o personagem principal é Subhro, o tratador, que depois foi nomeado como Fritz. Ambos são tratados como objetos e ao longo da narração desta viagem, acontecem vários eventos onde encontra-se crítica à sociedade. Uma das críticas é aos governantes, que fazem tudo pela aparência. Com isso, Saramago questiona a altivez da burguesia que comandava o destino de Subhro e de Salomão. O narrador

não é personagem, mas intervém muitas vezes com suas opiniões e críticas.

O elefante percorreu o trecho de Lisboa até Viena acompanhado do cornaca Subhro, da comitiva organizada pelo rei e seu comandante, passando pela cidade de Figueira de Castelo Rodrigo, fronteira com a Espanha, Valladolid, Gênova, Pádua, Trento, Alpes do Tirol, até Viena.

Saramago utiliza-se de recursos da historiografia ficcional das seguintes maneiras:

Trazendo para ser romance uma história verídica, porém modificada pelo seu olhar questionador;

Ao destacar a presença do cornaca Subhro, que não fora evidenciado pela história original;

Ao questionar detalhes do fato histórico.

Segundo a versão oficial, não há certeza quanto ao remetente do elefante ao arquiduque Maximiliano, os portugueses acreditam ter sido o rei D. João III, contudo os austríacos acreditam ter sido João do Brasil, filho de D. João III. Portanto Saramago nos apresenta a versão portuguesa como a verdadeira.

O arquiduque para marcar sua propriedade troca o nome do elefante e igualmente o do cornaca, o qual é tratado também como um animal selvagem (processo de zoomorfização). O tratador desabafa com o elefante: "Éramos Subhro e Salomão, agora seremos Fritz e Solimão". (SARAMAGO, 2008, p. 158).

Assim como se apresenta a zoomorfização, apresenta-se também a antropomorfização, processo que consiste em uma atribuição de características humanas ao animal, pois o autor descreve momentos em que Salomão expressa sentimentos de amizade, tristeza e solidão.

Um animal despediu-se, em sentido próprio, de alguns seres humanos como se lhes devesse amizade e respeito, o que os preceitos morais dos nossos códigos de comportamento estão longe de confirmar, mas que talvez se encontrem inscritos em letras de ouro nas leis fundamentais da espécie elefantina. (SARAMAGO, 2008, p. 110).

Com relação às críticas do autor, podemos citar aquelas feitas ao despreparo da comitiva portuguesa frente ao preparo demonstrado pela comitiva austríaca, no que diz respeito à administração e a estratégia du-

rante a longa e perigosa viagem. Há também a crítica à igreja católica principalmente aos representantes da inquisição.

O autor português ironizou e parodiou a realidade ao dar ênfase a um ser excêntrico, ou seja, o tratador, o qual mesmo estando presente junto do elefante em pinturas e esculturas feitas nas cidades por onde passaram, sempre foi anônimo para a história. Pode-se perceber tanto com o fato já citado como com o fim do elefante, o qual foi, depois de sua morte transformado em bengaleiros e móveis, um questionamento do autor sobre sucesso momentâneo e o esquecimento.

O elefante morreu quase dois anos depois, outra vez inverno, no último mês de mil quinhentos e cinquenta e três. A causa da morte não chegou a ser conhecida, ainda não era tempo de análises de sangue, radiografias do tórax, endoscopias, ressonâncias magnéticas e outras observações que hoje são o pão de cada dia para os humanos, não tanto para os animais, que simplesmente morrem sem uma enfermeira que lhes ponha a mão na testa. Além de o terem esfolado, a Salomão, cortaram-lhe as patas dianteiras para que, após as necessárias operações de limpeza e curtimento, servissem de recipientes, à entrada do palácio, para depositar as bengalas, os bastões, os guarda-chuvas e as sombrinhas de verão. Como se vê, a Salomão não lhe serviu de nada ter-se ajoelhado. O cornaca Subhro recebeu das mãos do intendente a parte de soldada que estava em dívida, acrescida, por ordem do arquiduque, de uma propina bastante generosa, e, com esse dinheiro, comprou uma mula para servir-lhe de montada e um burro para levar-lhe a caixa com os seus poucos haveres. Anunciou que ia regressar a Lisboa, mas não há notícia de ter entrado no país. Ou mudou de ideias, ou morreu no caminho. (SARAMAGO, p. 236).

Assim, *A Viagem do Elefante* é, considerada até mesmo por Saramago, uma metáfora da vida humana, em que sempre chega-se onde tem-se que chegar, mesmo que seja para morrer, como Salomão, que morreu um ano após sua chegada à Viena.

2. *O Planalto e a Estepe*

No romance *O Planalto e a Estepe*, a história inicia-se na Angola, onde o personagem principal e narrador, era ainda adolescente, e a Angola era colônia de Portugal. Júlio era branco de olhos azuis, ou seja, tinha a cor da pele diferente das de seus amigos, mas isso não importava para ele. Achava que eram todos iguais, mas percebeu que não era, pois havia um certo racismo, não só de brancos para negros, mas também de negros para com negros e de negros para com os brancos.

Vejamos um trecho do romance, em que Olga, irmã mais velha de Júlio, discursa:

- Devias brincar com os teus colegas de escola e não com esses.
- Porquê?
- Porque eles são pretos e nós brancos.

(PEPETELA, p. 14)

Dos irmãos, Júlio era o mais estudioso, logo, seus pais investiam em seus estudos para que fosse doutor. Não importava doutor em que, mas que fosse doutor. Outro aspecto sobre racismo no romance, é quando Júlio e seus amigos começaram a envolver-se com as mulheres nas cubatas. O narrador conta, que foi com um amigo encontrar as mulheres, mas somente ele foi aceito, pois era branco, e o amigo não foi aceito, pois era negro, porém ambos tinham o mesmo valor em dinheiro para pagar “o serviço”. Vejamos:

- O dinheiro é igual, disse o João.
- Pois, mas a cor não é. Disse a irmã.

Racismo de negro para negro?

(...)

- Como recusas um da tua cor?

– Porque se um branco souber que me deitei com um negro, não vai querer se deitar mais comigo. E os brancos é que têm dinheiro.

Racismo sim, mas dos brancos.

(PEPETELA, p. 20)

Júlio e sua família estavam no fundo da escala social para os brancos, mesmo tendo eles a pele e os olhos claros. Salazar perseguia os subversivos, que eram os brancos amigos de negros, por exemplo. Um dia Júlio foi até a cidade de Salazar, e um policial lhes pararam e lhes acusaram. Júlio não entendeu e falou que não havia diferença entre ele e seus amigos. Ele chega a dizer depois, que não vai acreditar num Deus que deixa falarem mal dos amigos dele. Um padre, professor e filósofo, lhe falou que não era pecado ser amigo de todos. Ele aprendeu muito com esse professor, e eles discutiam a diferença entre os colonos e os colonialistas.

(...) isso de ser amigo ou não dos pretos e insistiu, Jesus Cristo disse para sermos todos irmãos e eu fazia muito bem em ser amigo de todos, não havia nisso pecado, antes pelo contrário, pecadores eram os que diziam só os pretos podem ser amigos dos brancos, não o inverso. Esses são racistas e são colonialistas.

A palavra nova estoirou em mil relâmpagos de luz na minha cabeça. // Fiz o professor repetir e ele disse, não confundas com colono, chicorinho, isso é outra coisa, são apenas pessoas que vão para outras terras, neste caso os que vieram de Portugal para cá porque lá morriam de fome. Colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra. (p. 23)

Como Júlio era bom aluno, seu pai conseguiu uma bolsa de estudos para que estudasse medicina em Coimbra. Em Portugal ele ficou numa república que seu pai arrumou-lhe. Formou um pequeno grupo com pessoas que estudaram com ele em Angola, e que acreditavam nas mesmas ideias colonialistas. Ele sonhava com lutas de libertação, queria lutar, mas era branco demais para isso, e os mais claros ficaram na Europa para estudar. Tinha-se dúvidas quanto a nacionalização daqueles angolanos brancos.

Percebemos portanto, o outro lado do racismo em *O Planalto e a Estepe*: o dos negros para com os brancos.

Júlio foi fazer economia em Moscou, na União Soviética. Lá conhece uma menina, chamada Sarangerel, a qual seria o grande amor de sua vida, no entanto, não correspondido (não por causa dela), devido ela ter a nacionalidade mongol e ele não. Ele era branco demais para Sarangerel. Mesmo com as diferenças que impediam o namoro, Júlio continua a encontrar-se com sua “Lua”, significado do nome de Sarangerel.

Passado um tempo, ela engravidou e falou com seu namorado angolano, que propôs logo casamento e disse que falaria com seus pais para a aprovação da união:

– Posso convencê-lo a deixar-te casar e continuarmos a estudar. Bolas, e o internacionalismo proletário? A Mongólia, como país socialista, apoia a luta dos povos oprimidos. O meu povo é colonizado e eu sou um lutador pela liberdade do meu povo. O meu Movimento é aliado do Partido dele, tem de ser sensível a esse argumento. Agarremo-nos à política, ela pode ajudar-nos. Sarangerel segurou a minha mão. Com as duas, como era seu hábito. – Não conheces o meu pai. Não conheces a Mongólia. Acho até que não conheces os países socialistas. (PEPETELA, p. 64).

Concomitante, Júlio pede ajuda a seus amigos Jean e Esmeralda, que falam para ele falar com o Komsomol que talvez conseguisse o casamento, mas não obteve sucesso. Tentou ajuda também com Olga, sua guia, e com os países socialistas, mas estes preferiram não envolver-se. De fato, Júlio não conhecia os países socialistas e o poderoso general, pai de Sarangerel, que logo mandou sequestrar a própria filha mesmo grávida. Sua mãe lhe pedia para que tirasse a criança, pois achava que seria o

melhor para a filha, mas Júlio sabia que ela jamais tiraria um filho. Sarangerel casou-se forçada, e passando-se alguns anos, Júlio foi visitar a filha, mas só conseguiu vê-la de costas.

Ele era marxista, não interessava-se em ficar rico, e viveu de seu salário. Ele acreditava ser capaz de elaborar projetos interessantes de paz, como economista. Assim ele tentou a reforma, e com um salário razoável e algumas mordomias vitalícias de sua carreira como general, ele viveu muito bem.

Júlio recebeu notícias de Esmeralda, que disse que tinha se encontrado com Sarangerel em Cuba, e que ele já era avô. Sarangerel se emociona ao saber que Júlio não casou-se pois esperava por ela.

Contudo, em um dado momento do romance há uma inversão do jogo entre racismos e amor, pois ao se aproximar do desfecho, a narrativa evidencia uma prevalência do amor sobre os racismos. Isso ocorre com a contribuição de uma passagem longa de tempo, o que proporciona uma mudança de pensamento coletivo possibilitando uma liberdade para a mulher, o que faz Sarangerel se divorciar e procurar Júlio, para tornar seu amor possível. Neste quadro apresenta-se as temáticas da emancipação feminina, o divórcio e a vitória do amor diante dos racismos. Os filhos de Sarangerel compreenderam a decisão da mãe, principalmente a filha que tiveram juntos. Eles encontraram-se em Angola, pois Júlio já havia retornado para sua terra natal. Mais tarde, reuniram-se com a família e fizeram um passeio pelo lugar.

Júlio já estava doente, mas viveu seus últimos e mais amados quatro anos ao lado da Estepe de sua vida.

3. Considerações finais

De fato, é incontestável a observação das características do pós-moderno que se encerram nos questionamentos levantados pela metaficção historiográfica. É por este fato que torna-se cabível pensar a metaficção como um possível simulacro, utilizado na literatura contemporânea com o propósito de questionar de várias maneiras fatos históricos do passado com uma nova roupagem.

Portanto constatamos ainda a atuação do mecanismo da metaficção historiográfica perpassando todo romance *Viagem do Elefante*, bem

como *O Planalto e a Estepe*, ambos trabalhados sobre questionamentos, críticas e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad.: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad.: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Trad.: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARSHALL, Brenda. *From work to intertextuality: Robson Crusoe, Foe, Friday. Teaching the posmodern fiction and theory*. New York/London: Routledge, 1992.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009.

SARAMAGO, José. *A viagem do elefante*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2008.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Trad.: José. L. de Melo. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995.